



nara roesler

**carlito carvalhosa:
matéria como imagem.
trabalhos de 1987 a 2021**

curadoria de luis pérez-oramas
e espólio de carlito carvalhosa

nara roesler new york

abertura 4 de maio, 2022

exposição 4 mai – 18 jun, 2022

Carlito Carvalhosa (1961-2021) viveu grande parte de sua vida no Rio de Janeiro, onde pode abraçar o legado radical dos artistas brasileiros que o precederam. Carvalhosa soube trazer essas conquistas a um novo patamar, sem precedentes conceituais, formais e de escala.

A teoria do não-objeto neoconcreta, as bases fundamentais para uma definição do *'parangolé'* de Oiticica, a fantasmática do corpo de Clark, e o corpobra de Antonio Manuel tornaram-se marcos da inovação do fenômeno estético, conduzindo à experiências de esgotamento histórico e formal da arte, com implicações que antecipam manifestações atuais estabelecidas pela Estética Relacional e a Arte Performativa Pós-subjetiva. A radicalidade de algumas dessas

proposições adquiriu enorme peso para as gerações seguintes, traduzindo-se muitas vezes como a única conclusão possível para a prática artística. Como exemplo, podemos tomar as obras tardias de Hélio Oiticica ou Lygia Clark que em seu caráter efêmero e antimonumental, claramente fundaram territórios que transcendem as molduras convencionais da arte, em direção ao campo ampliado do além-arte: da terapia ou da prática social, do *quasi-cinema* e da anti- arte.

A totalidade do repertório constituído pela obra de Carlito Carvalhosa responde a este desafio histórico, desde a sua iniciação como pintor imerso nas profundezas dos recursos informais, até suas impressionantes instalações com tecido, néon, madeira, cera, espelhos e som. Entre as inúmeras

possibilidades ofertadas por esses materiais, Carvalhosa abordou a qualidade escultórica de drapeados e vincos, a pintura como volume e massa, e mesmo a presença do som como elemento de densidade e opacidade em instalações icônicas. A obra de Carvalhosa destaca-se pela consistente compreensão que nos oferece da dimensão criadora da matéria e da materialidade nas artes visuais. Para o artista, *matéria é imagem* e as imagens sempre emergem do campo da materialidade como forças que se expandem através da opacidade e da transparência, da refletividade e da cegueira, como marcas na densidade do real que é preciso vivenciar, vez ou outra, como coisas que já existiam antes de nós.

—Luis Pérez-Oramas



Carlito Carvalhosa durante residência artística na
ESDI – Escola Superior de Desenho Industrial,
Rio de Janeiro, Brasil, 1993
foto © Vicente de Mello

—
Sem título (P02/88), 1988
óleo, esmalte e resina
sobre tela sobre madeira
221 × 241 × 5,5 cm







Abraçando o legado contundente de seus antecessores, jovens artistas atuantes no Brasil durante a década de 1980 inventaram formas de manter suas próprias produções vivas e relevantes ao se verem confrontados com a necessidade de abrir novos caminhos para seus trabalhos, muitas vezes reinscrevendo suas próprias práticas a partir de uma compreensão ampliada das convenções da pintura.

Junto aos artistas Nuno Ramos, Fabio Miguez, Rodrigo Andrade e Paulo Monteiro, Carlito Carvalhosa foi um dos membros fundadores do grupo Casa 7, expoente da pintura vanguardista no Brasil na segunda metade dos anos 1980. Para o grupo, a equação a ser resolvida era: qual seria o futuro da pintura (e da arte) após a invenção de tipologias artísticas como o parangolé de Oiticica, a obra mole de Clark e o objeto ativo de Willys de Castro?

Sem título, 1987
encáustica sobre madeira
135 × 160 × 2,8 cm





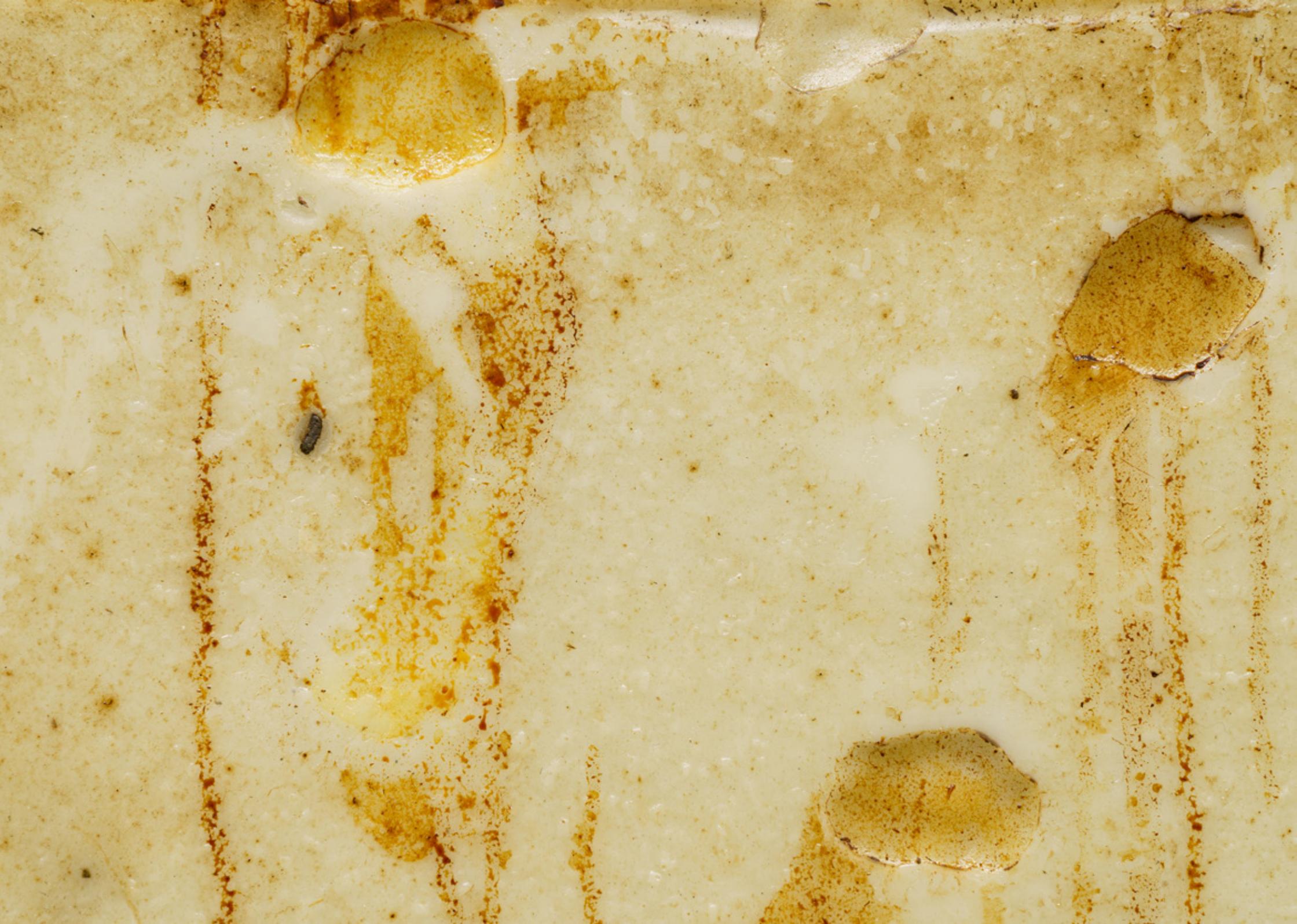
Naquele tempo, as investigações pictóricas de Carvalhosa encontravam-se entre as mais radicais da América Latina. Dos monocromos dos anos 1980 à série de ceras dos anos 1990, Carvalhosa colocou a matéria e a serialidade no centro de sua produção. Destacam-se seus trabalhos com cera, nos quais as mãos e dedos do artista tornam-se visíveis como traços que emergem da pintura, como se habitassem o interior do próprio suporte material, de modo a inverter a proposta clássica da pintura, em que o gesto é depositado na superfície. Carvalhosa entendia a pintura a partir de seu interior, sua espessura abstrata e opaca que se manifesta muito mais como campo visual em expansão do que como imagem confinada em um suporte.

Sem título (P18/92), 1992
cera, óleo e argila sobre
tela sobre madeira
40 x 40 cm

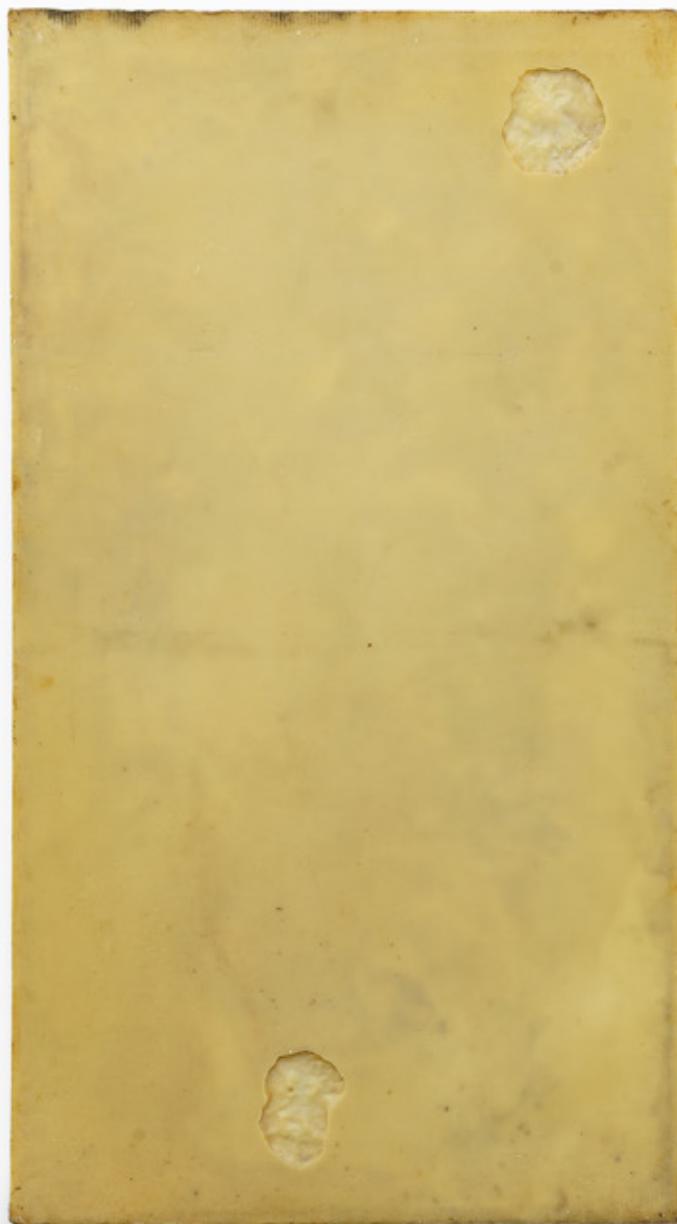




Sem título (P17/92), 1992
cera, óleo e argila sobre
tela sobre madeira
40×40 cm



Sem título (P21/93), 1993
cera sobre madeira
222 x 123 x 6 cm







Sem título (P18/91), 1991
cera, argila e pigmento
sobre tela sobre madeira
30 x 30 cm





Sem título (P04/92), 1992
cera, gesso, argila e pigmento
sobre tela sobre madeira
30 x 30 cm





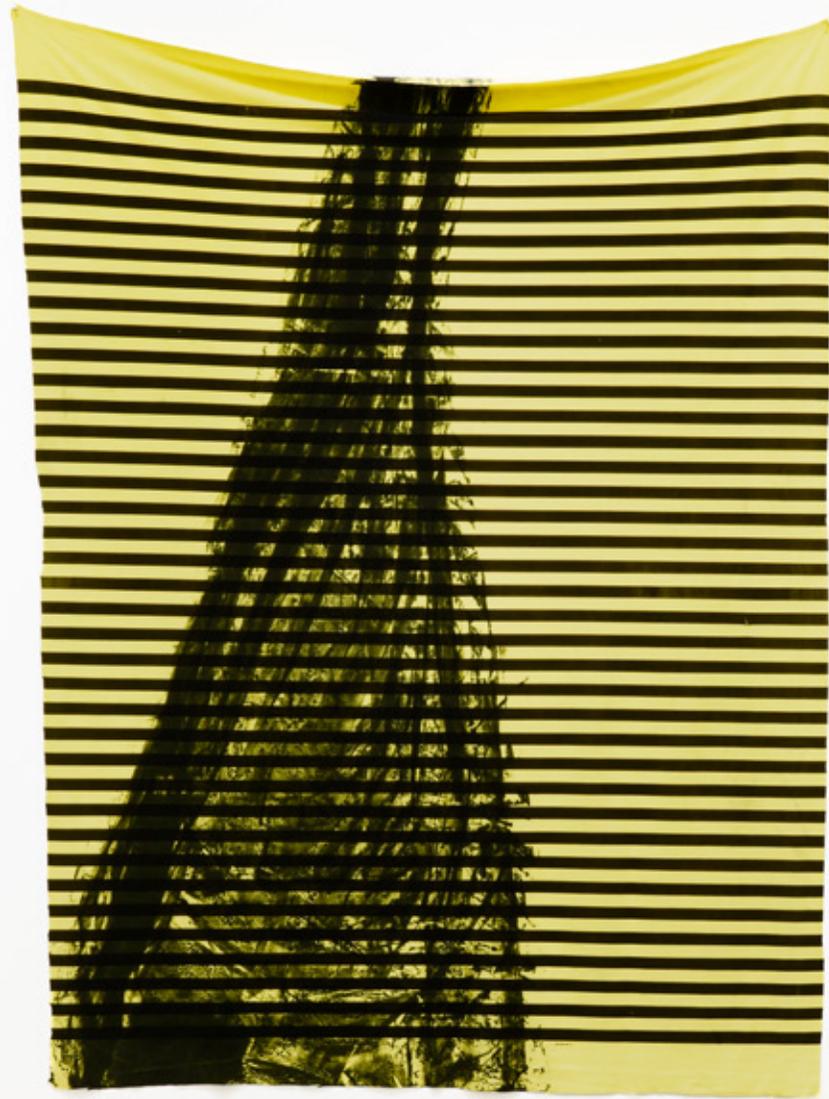
Sem título (P06/92), 1992
cera, óleo, chumbo e pigmento
sobre tela sobre madeira
30 x 30 cm



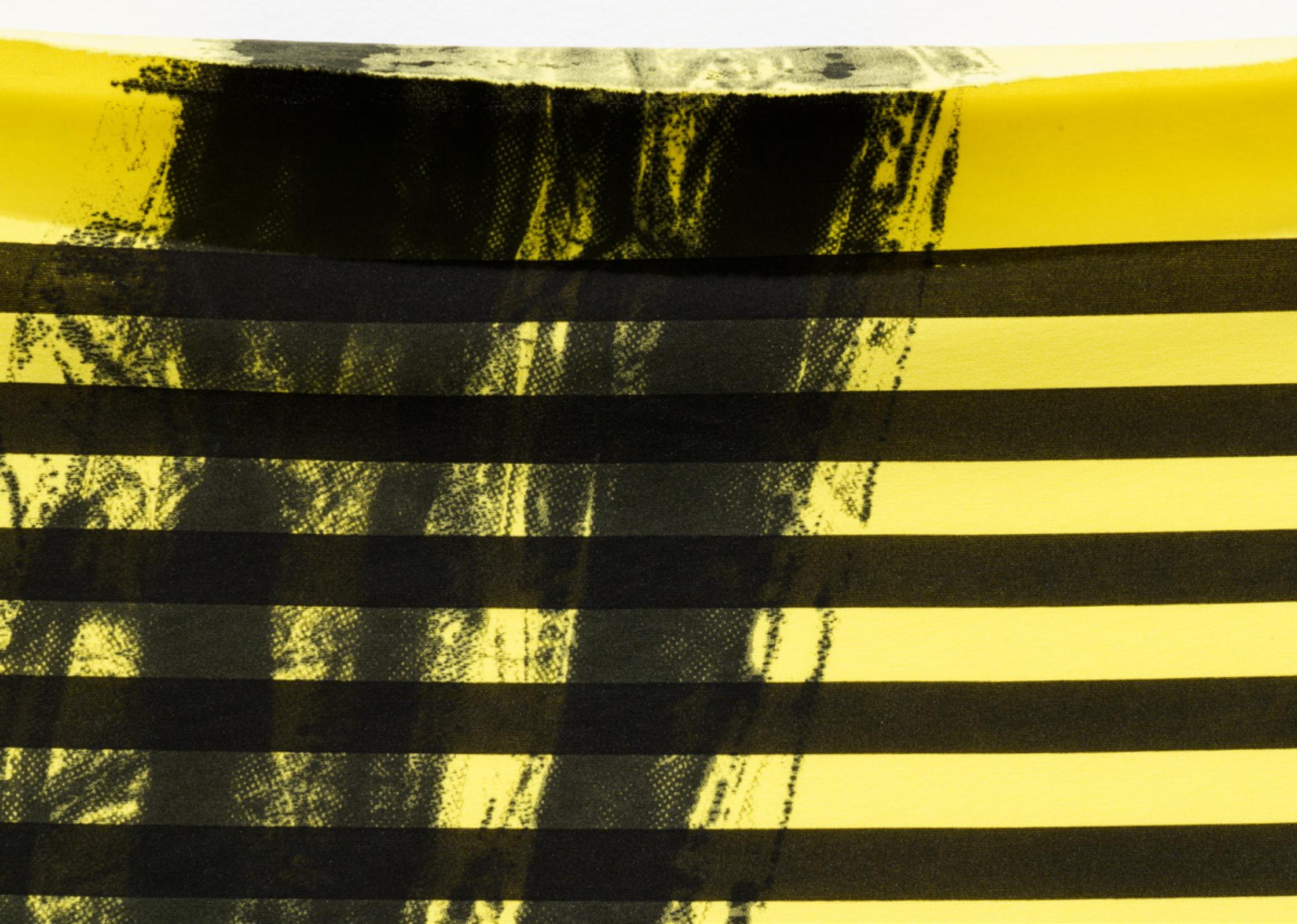


Sem título (P10/92), 1992
cera, óleo e argila sobre
tela sobre madeira
30 x 30 cm





Sem título (P28/09), 2009
pintura sobre tecido
166 x 130 cm



A centralidade da escultura como prática expandida – da “descoberta de elementos do parangolé na paisagem” (nas palavras de Oiticica) à amplificação das estruturas no espaço, passando pelos objetos pictóricos tridimensionais – é a assinatura da obra de Carvalhosa.



Carro na árvore, 2010

Carro na árvore, 2010
fotografia
edição de 100
40 x 50 cm



Especialmente relevantes se mostram a cerâmica e porcelana, assim como as esculturas efêmeras em gesso, além das monumentais e informes *ceras perdidas*, produzidas a partir de meados de 1990. Esses trabalhos permitiram ao artista revisitar formas clássicas como drapeados e estampas abstratas, sem abandonar a compreensão da matéria como força geradora de sua obra, denotando acidentes e acontecimentos a partir dos quais ele desenvolveria seu repertório de pintura nos mais diversos suportes – entre espelhos, alumínio, têxteis e cera – a partir dos anos 2000.



Sem título (E11/96), 1996
faiança
35 x 38 x 87 cm

Sem título (E60a/96), 1996
faiança
15 x 40 x 48 cm







Sem título (E06/96), 1996
faiança
8 × 8 × 30 cm

Sem título (E13/96), 1996
faiança
28 × 26 × 56 cm

Sem título (E07_3/96), 1997
porcelana
28 × 64 × 25 cm



Sem título (E18/97), 1997
grés
10 × 30 × 61 cm



Sem título (E17/96), 1996
faiança
30 × 33 × 59 cm



Sem título (E04/97), 1997
grés
53 × 36 × 73 cm

Sem título (P08/03), 2003
óleo, graxa e resina sobre espelho
160 × 110 × 3 cm





De particular importância também são os trabalhos em que Carvalhosa incluiu a linguagem – em frases sagazes, desconstruídas, que servem muitas vezes como títulos das obras – na superfície mesma de suas pinturas espelhadas. Carvalhosa aborda aí a imagem do espelho como reflexo invertido – especialmente escrevendo ao contrário – ao mesmo tempo em que a impossibilita ao cobrir a superfície do espelho com tinta. Neles, a literalidade das formas coloridas choca-se com a suposta transparência dos espelhos, tornando-os opacos. Por outro lado, o mesmo repertório formal é capaz de ecoar nos volumes tridimensionais de suas esculturas, ceras e porcelanas.



Sem título (P04/09), 2009
pintura sobre espelho
50 x 70 cm





Sem título (P03/09), 2009
pintura sobre espelho
50×70 cm



*Já estava assim quando
eu cheguei*, 2015
madeira, resina e mármore
edição de 6
102 × 110 × 136 cm





vista da exposição

Já estava assim quando eu cheguei,
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio),
Rio de Janeiro, Brasil, 2006





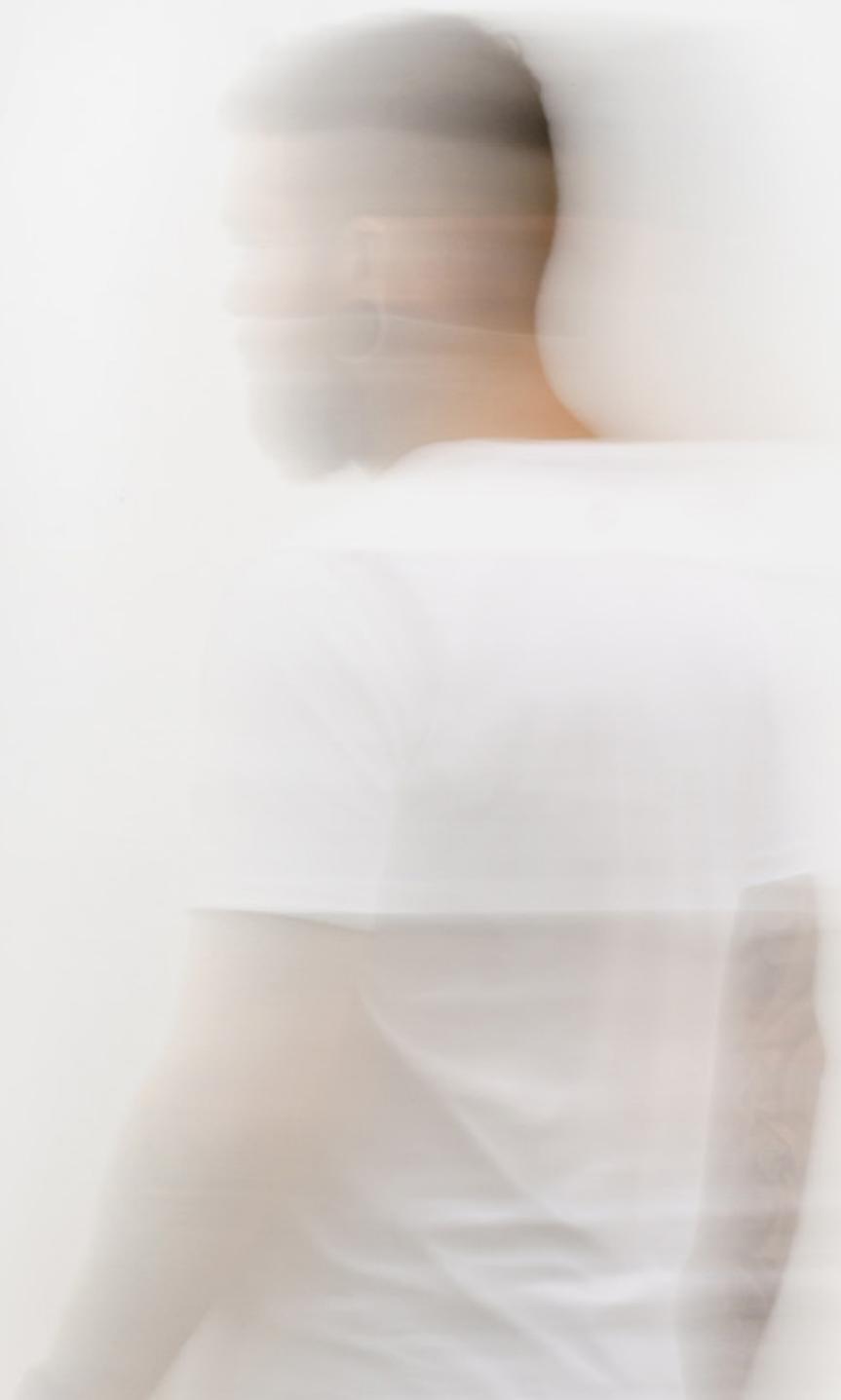
Sem título (E18/15), 2015
madeira
8,5 × 30 × 14 cm





Sem título (E19/15), 2015
madeira
37 × 22 × 20 cm





Sem título (E21/15), 2015
madeira
47 × 20 × 20 cm





vista da exposição
Sala de espera, Museu de Arte Contemporânea
da Universidade de São Paulo (MAC-USP),
São Paulo, Brasil, 2013
cortesia do espólio do artista e Nara Roesler

—
Sem título (P57/17), 2017
resina sobre alumínio
200 x 100 cm





—
Sem título (P56/17), 2017
resina sobre alumínio
200 x 100 cm





Sem título (P82/17), 2017
óleo e resina sobre alumínio percutido
200 x 100 cm



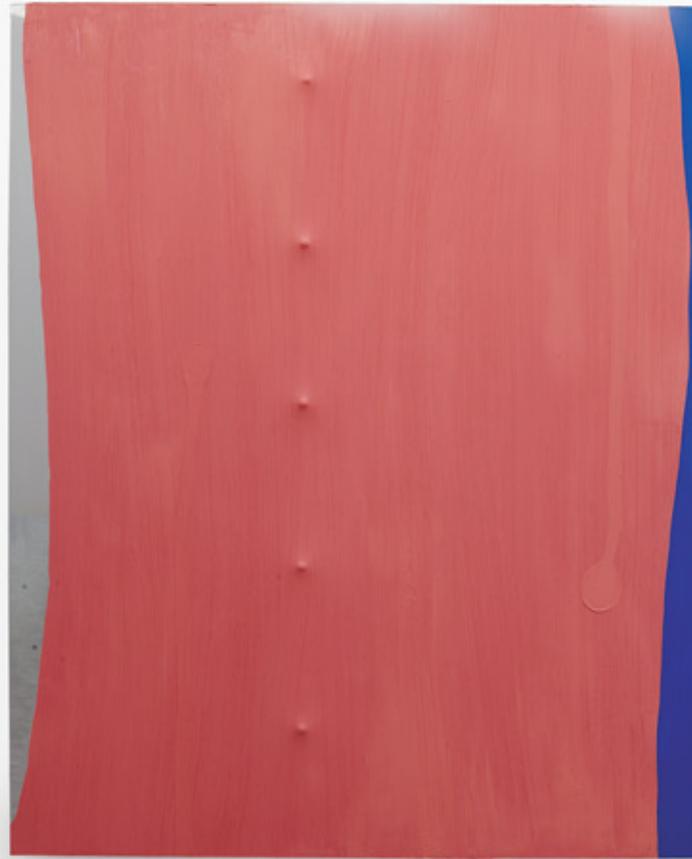


Sem título (P83/17), 2017
óleo e resina sobre alumínio
200 × 100 cm





Sem título (P31/19), 2019
óleo sobre alumínio espelhado
122 x 98 cm





Sem título (P69/15), 2015
cera e óleo sobre
alumínio espelhado
124 x 82 cm







Sem título (P70/17), 2017
óleo sobre alumínio espelhado
80 × 122 cm



Sem título, 2021
tinta óleo e cera sobre madeira
15 peças de 50 x 40 x 6 cm

Fundamentais em sua produção recente foram suas monumentais instalações site specific que integravam luz, som e tecidos no contexto da galeria, revelando a incapacidade desta em adequá-la com precisão (consulte os vídeos em exibição). O falecimento prematuro de Carvalhosa

interrompeu a continuidade da produção em sériel de pinturas em cera, nas quais o artista evidenciou sua inigualável habilidade como colorista e como mestre contemporâneo obcecado por marcas indiciais.





carlito carvalhosa

n. 1961, São Paulo, Brasil

m. 2021, São Paulo, Brasil

A obra de Carlito Carvalhosa envolve predominantemente as linguagens da instalação, da pintura e da escultura. Nos anos 1980, integrou o Grupo Casa 7, em São Paulo, do qual faziam parte também Rodrigo Andrade, Fábio Miguez, Nuno Ramos e Paulo Monteiro. As tendências do neoexpressionismo eram visíveis na produção desses artistas, sobretudo a utilização de superfícies de grandes dimensões e a ênfase no gesto pictórico. No fim dessa década, após a dissolução do grupo e alguns experimentos com encáustica, Carvalhosa concebeu quadros com cera pura ou misturada a pigmentos. Nos anos 1990, dedicou-se à produção de esculturas de aparência orgânica e maleável, utilizando materiais diversos, caso das “ceras perdidas”. Ainda em meados dessa década, fez também esculturas em porcelana.

Carvalhosa atribui profunda eloquência à materialidade do suporte, mas a transcende e aborda questões mais amplas, relativas às transformações do espaço e do tempo. Deparamo-nos, em sua prática, com a tensão entre forma e matéria, explicitada na disjunção entre o visível e o tátil. Aquilo que vemos não é o que tocamos, assim como o que se toca não é o que se vê. Desde o início dos anos 2000, o artista tem realizado pinturas sobre superfícies espelhadas que, nas palavras do curador Paulo Venâncio Filho, “colocam nossa presença dentro delas”. Não raro, Carvalhosa realiza instalações em que, além de técnicas usuais, faz uso de materiais como tecidos e lâmpadas.

exposições individuais selecionadas

- *I Want to Be Like You*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2019)
- *Sala de espera*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil (2013)
- *Sum of Days*, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2011)
- *Corredor*, Projeto Parede, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2008)

exposições coletivas selecionadas

- *Passado/futuro/presente: arte contemporânea brasileira no acervo do MAM*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2019); Phoenix Art Museum, Phoenix, EUA (2017)
- *Troposphere – Chinese and Brazilian Contemporary Art*, Beijing Minsheng Art Museum, Pequim, China (2017)
- 10a Bienal de Curitiba, Brasil (2015)
- *Rio (River)*, Performance, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2014)
- 30ª e 18ª Bienal de São Paulo, Brasil (2013 e 1985)
- 3ª Bienal do Mercosul, Brasil (2001)

coleções selecionadas

- Cisneros Fontanals Art Foundation (CIFO), Miami, EUA
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

vista da exposição
Sum of Days, Museum of Modern Art (MoMA),
Nova York, EUA, 2011
foto © Jeffrey Gray Brandsted



nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ippanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5034

nararoesler.art

info@nararoesler.art